

Artigos

A retórica do poder sem pudor

Francisco Meton Marques de Lima - Prof. da UFPI e Des. do TRT

O poder sustenta-se numa retórica. Cada período tem a sua, que, com o tempo, se extenua. A do Lula foi o BOLSA-FAMÍLIA, que, para eleger a Dilma, acrescentou o MINHA CASA, MINHA VIDA. Qual será a próxima? Um monte de redes para relaxar?

A estratégia é manter cativa a massa social. Cada época ao seu estilo, porém sem alterar na essência. Em Roma, desde César, que reinou faz 21 séculos, adotou-se o lema PÃO E CIRCO. Isso levado ao pé da letra, porque se distribuíam pães e se promoviam os grandes espetáculos no Coliseu e nas arenas de lutas, nas quais o mais atraente era o sacrifício ao vivo de escravos e a devora de condenados por famintos leões.

No Brasil, Antonio Conselheiro, de Canudos, no início da República, arrebanhava os sertanejos famintos sob a promessa de uma era em que correriam rios de leite com ribanceiras de cuscuz. O Collor de Melo elegeu-se prometendo acabar com os marajás. Caiu e os marajás permaneceram e se multiplicaram.

No Brasil, a retórica do PÃO E CIRCO se instalou descaradamente desde

Getúlio Vargas. Este subiu ao trono prometendo reforma social e amparo aos trabalhadores. Em seu mandato, foram construídos os maiores estádios de futebol do País. Encastelou-se por vinte anos sob o patronímico "pai dos trabalhadores".

Ora, pura retórica, estava mudando para manter o mesmo, pois na época a sociedade brasileira e a economia eram predominantemente rurais, com incipiente indústria urbana. Na cidade, os trabalhadores já gozavam de certo nível de organização, sob influência anarquista e comunista e precisavam de uma rédea. No campo, o forte era o coronel de patente. Era ele quem ditava a ordem e o poderio político do País. Na cidade, os patrões eram política e economicamente fracos. Daí a solução getuliana: leis trabalhistas só para o setor urbano, excluindo expressamente de seu manto protetor o trabalhador rural, conforme preceitua o art. 7º da Consolidação das Leis do Trabalho. Com isso, Getúlio agradou o trabalhador urbano e não contrariou o coronel de terras. Arrebanhou, assim, o apoio dos fortes da cidade e dos mandachuvas do interior.

Juscelino institucionalizou

a corrupção, deixando todos felizes com a distribuição de um pedaço dela para os brasileiros pobres e fartando os ricos e os políticos com o dinheiro público. Instalava-se em Brasília a era Niemeyer megalomaniaca do desperdício. O resultado foi um desequilíbrio fiscal até hoje não alinhado.

Sobreveio o discurso da moralidade. Jânio Quadros elegeu-se sob a promessa de varrer a corrupção. O símbolo de sua campanha era uma vassoura. Não agüentou o peso do lixo e renunciou. As Forças Armadas monitoraram João Goulart até ejetarem-no do poder, a pretexto de moralizarem o País. Foram vinte e um anos, de 1964 a 1985, de ditadura militar. No entanto, a corrupção continuou, apenas concentrada em poucas mãos.

O Governo de transição, que seria do Tancredo Neves mas foi do Sarney, criou o lema TUDO PELO SOCIAL. Nesse período, foram instituídos o programa do leite e a cesta alimentação para as famílias carentes (INAN). A cesta social do Sarney encastelou o PMDB, o partido que ainda hoje mantém a maior fatia política do País.

Fernando Henrique

Cardoso (de 1995 a 2002) sustentou dois mandatos sob a retórica do REAL, do controle inflacionário. Nessa cesta econômica e social, uma miríade de assistencialismo, como o vale-gás, o bolsa-escola, a cesta-alimentação. E para os empresários, a privatização do Estado, mediante uma terceirização ilimitada. Tudo isso cansou e naufragou na austeridade da política fiscal.

Veio o Lula e unificou todos os VALE em um VALE-TUDO, que denominou de PROGRAMA FOME ZERO, melhor representado pelo BOLSA-FAMÍLIA. É algo tão sério, que, de transitório que seria em cada família carente, tornou-se efetivo. Pergunta-se: quem vai bancar esse programa e até quando?

Deu nos jornais que 60% da população do Estado do Piauí está no Bolsa. Sabendo-se que Governo não produz absolutamente nada, mas apenas gere os recursos auferidos com os tributos que arrebatam, qual a classe social que está custeando o programa do Bolsa-família? Certamente a Classe Média, que não tem aumento de salário, não tem poder perante o Governo para participar de suas benesses, no

entanto, sofre os impactos de aumentos de preços dos bens e serviços. Sob o salário mínimo de seus empregados, bem acima da inflação, sobem os colégios e os materiais escolares, os serviços de saúde e de transporte.

O bolsa sedou a população. Está tudo dominado, como diz o rap. Os pobres perdem a virtude de ganhar a vida pelo trabalho. Conformam-se com a esmola oficial. Não enxergam mais a sujeira que esse pretense tapete social esconde. Retirou-lhes a capacidade de indignar-se, de censurar, de contestar. "Tendo o meu, não quero mais saber de nada".

Sim, mas esse programa já está absorvido pelas representações políticas. Ninguém ousará discordar. Portanto, já é um patrimônio popular. Logo, para efeitos eleitorais, não demorará a se extenuar, porque o povo sempre quer mais.

Como se vê, combater corrupção não sustenta governo. O PT, que se intitulava de reserva moral do Brasil, foi abatido no episódio dos Quarenta do Mensalão. Não consegue livrar-se dela. Para sobreviver, fatiou o poder entre o máximo de apoiadores políticos. E a corrupção se inflacionou. Outrora,

ouviam-se: "fulano desviou tantos mil dos cofres públicos". Agora, só se fala em milhões. Dar bolsa e cesta de alimentos também já está muito surrado e a população bem-te-vi quer mais. O governo está monstruoso de grande, autofágico, engolido por ele próprio. Tantos órgãos, uns sindicando os outros e sucumbindo na própria impotência. É a máquina estatal em função de si própria.

Qual será a próxima retórica? A Copa do Mundo completa o circo, porque o bolsa já é o pão que uma classe produz e outra amassa e o distribui pedindo votos. Estádios, jingles, muitos campeonatos, bebida à balde. Sim, a FIFA exigiu bebida na Copa.

Capistrano de Abreu dizia que a Constituição brasileira precisava ter apenas dois artigos: Art. 1º. Todo brasileiro precisa criar vergonha na cara. Art. 2º. Revoguem-se as disposições em contrário. Pois bem, é o que sugiro: cultivar os valores do TRABALHO, da LIVRE INICIATIVA, do respeito e direitos sociais sérios para os que realmente precisarem. Pouco governo e muita ação! Que tal um "bolsa-vergonha"?